



AS OPERAÇÕES COGNITIVAS E AS AÇÕES PRÁTICAS ATRÁS DO ATO DE NOMEAR

RESENHA

DORÉ, Andréa. *Cartografia da Promessa: Potosi e o Brasil em um continente chamado Peruana*. São Paulo: Editora Intermeios, 2020

■ ALINE DOS SANTOS FRANCO DE CAMARGO

Mestranda no programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista.

Que ações cognitivas podem estar por trás de um nome? Que práticas um nome pode provocar? Questões como estas são respondidas em *Cartografia da Promessa*, livro que apresenta as propostas de nomeação do continente americano no século XVI, como parte do processo do europeu de tornar inteligível as novas terras situadas a oeste do Atlântico. Ao fazer a biografia de um desses nomes, America Peruana, Andréa Doré oferece uma resposta cartográfica para o argumento principal do capítulo “O outro Peru” de Sérgio Buarque de Holanda, no qual o autor mostra o desejo dos portugueses de encontrar nas terras do Brasil um outro Peru. Manuseando referenciais teórico-metodológicos da História da Cartografia Crítica e tendo como fonte produções escritas e visuais da época - relatos de viagem, imagens cartográficas, frontispícios de atlas e livros,

gravuras - a autora mostra a relevância do nome como objeto de pesquisa no processo de mapeamento, contribuindo para aprofundar uma das principais críticas apontadas por teóricos da história da cartografia: a necessidade de dessacralizar o mapa e observar as ações mentais e empíricas do mapeamento.

A autora, Andréa Doré é professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná desde 2005. Realizou seu doutorado na Universidade Federal Fluminense e pós-doutorado na Universidade de Harvard e foi bolsista na John Carter Brown Library (2012-2013), onde reuniu boa parte do material visual utilizado na obra. Além de pesquisadora, é uma das principais articuladoras da Rede Internacional de Estudos sobre Geopolítica Americana (GEOPAM) e da Rede Brasileira de Estudos em História Moderna (H_Moderna).

Cartografia da Promessa está dividida em duas partes, formadas por três capítulos cada uma. Ao longo de suas 240 páginas, o leitor acompanha através de imagens cartográficas, relatos de viagens e textos da Antiguidade e do Renascimento, o processo de construção da percepção do continente sul-americano por meio da ação de nomeá-lo.

Na primeira parte, no capítulo um, Andréa Doré elucida o processo de constituição do nome América Peruana na cartografia europeia, dentre vários outros propostos fazendo uso de vários mapas, relatos de viagens e cosmografias relativas às riquezas do Peru. Em seguida, aplicando o conceito de “ruptura instauradora” do acontecimento de Michel de Certeau (1987), é descrito o efeito da descoberta da montanha do Potosi, em 1545, na produção de imagens e relatos do período, o que deu lugar ao nome do continente América Peruana. Essa parte é concluída com a análise da circulação de imagens entre quatro casos cartográficos - os mapas de Petrus Plancius, Willem Blaeu, Michaele Colinio e as ilustrações de Arnoldus Montanus - e o modo como sintetizaram a visão da América, segundo a

autora “não apenas a sua parte meridional, mas todo o continente” (2020 p. 99). Dentre as várias imagens de fauna, canibalismo, figuras femininas, a de Potosi desempenha o papel de divulgação do potencial do Novo Mundo em projetos europeus.

Na segunda parte, a autora envereda para a análise das projeções da montanha do Potosi na cartografia portuguesa. Em seu capítulo quatro, apoiada no conceito de “realismo pedestre” de Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso*, é discutida a singularidade da representação dessa montanha nos mapas portugueses e como os dois mitos geográficos da formação espacial do Brasil - Ilha Brasil e Laguna de los Xarayes - criaram um horizonte de expectativas de encontrar minas e riquezas no território. Ainda tal como em *Visão do Paraíso*, que trabalha com categorias contrastantes como experiência e fantasia, no capítulo cinco, a autora aplica esse mesmo método mostrando como em alguns mapas portugueses, tais como o de Teixeira Albernaz, a experiência de minas relatada por práticos, índios, missionários e funcionários régios, repercutiu na imagem de localizações de promessas de minas em seus desenhos. Por fim, o sexto capítulo desfaz a terra da promessa na experiência através dos portugueses que, desesperançados de encontrar metais e pedras no Brasil, se dirigiram para o Peru. Seguindo a trajetória de alguns poucos casos de portugueses e peruleiros, a autora mostra que mesmo sob a união das duas Coroas ibéricas não havia equidade de estatuto de vassalidade e portugueses foram alvo de discriminação, suspeita e perseguição.

Como já mencionado acima, a *Cartografia da Promessa* é uma resposta cartográfica ao capítulo “O outro Peru”, de *Visão do Paraíso*. Neste, o autor apontou no mapa de Arnoldus Florentinus, mas sem exibi-lo, que a “fulva terra 'Peruviana” chegava a “abarcas quase toda a América do Sul” (HOLANDA,

2000, p. 109). Embora a Cartografia da Promessa percorra um extenso e erudito circuito cartográfico, não menciona o cartógrafo Florentinus, e ainda manteve o leitor sem a visualização desse mapa, tal como fez Sérgio Buarque de Holanda.

O inquérito sobre o ato de nomear as terras do Novo Mundo pelo pensamento europeu está enquadrado ainda no complexo processo de formação do conceito de ocidente e da identidade ocidental (GRUZINSKI, 2020). No capítulo um, a discussão sobre a adoção do nome “Índias Ocidentais” pelos espanhóis como um “conceito geográfico mais operativo” (DORÉ, 2020, p. 36) poderia ter sido uma oportunidade de abordagem dos conceitos propostos por Gruzinski. Nesse sentido, a grandiosidade da montanha do Potosí, tão presente nos mapas, teria falado da produção visual de um continente ou também da reconfiguração da identidade cristã ocidental?

No capítulo quatro, no qual a autora discorre sobre a representação de Potosi nos mapas portugueses, mas ainda com uma lacuna de mapas do século XVI, o mapa de Diogo Homem (1558) apontado pela autora como “A primeira menção às efetivas minas do Peru na cartografia portuguesa” (2020, p. 147) não aparece no livro. Outros mapas portugueses relevantes do período também não são citados, como o de André Homem (1559) e Bartolomeu Velho (1568). Apesar de não trazerem o desenho em si do acidente geográfico, esses mapas trazem o nome “Perv” em destaque na porção espanhola da América e poderiam ter enriquecido ainda mais o repertório cartográfico da autora.

Apesar destes pontos deixados em aberto, a obra de Andréa Doré é original, erudita, criativa e alerta o leitor especialista de que atrás de um nome existem histórias. Nesse sentido o livro é seminal para estudiosos da história da Cartografia, principalmente para os que trabalham com as primeiras

produções do espaço do Novo Mundo. O livro também contribui para estudos em História Moderna, sobre as reconfigurações da geografia do globo na consciência europeia com a chegada dos europeus ao novo continente, e é uma obra com potencial para contemplar interesses do meio acadêmico latino-americano e europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. “La rupture instauratrice”. In: *La faiblesse de croire*. Paris: Seuil, 1987, p. 211.

DORÉ, Andréa. *Cartografia da Promessa: Potosi e o Brasil em um continente chamado Peruana*. São Paulo: Intermeios, 2020.

GRUZINSKI, Serge. O historiador e a mundialização. In: *Rev. UFMG*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 106-123, jan./abr. 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2000.